



Leitura e interação afetiva: procedimentos de discursivização e textualização em “Conversa de bois”, de Guimarães Rosa

Eliane Soares de Lima*

Resumo: Entendendo o texto literário como um campo de presença a partir do qual emerge a interação afetiva entre o sujeito-enunciário-leitor e os sujeitos do enunciado, as personagens, a intenção do presente artigo é a de mostrar que mesmo os efeitos de sentido patêmicos produzidos sobre o leitor no momento da leitura são passíveis de uma análise semiótica. Nesse sentido, interessa chamar a atenção para o fato de os procedimentos de discursivização e de textualização, enquanto meios de manipulação do acesso do enunciário aos valores veiculados pelo texto, permitirem a apreensão não só da estruturação semântico-sintática do texto a partir de determinada linguagem, mas também das modulações tensivas que sensibilizam o conteúdo transmitido, patemizando de modo específico a leitura do enunciário, a interação que ele estabelece com os atores do enunciado. Para mostrar como isso se dá, examinaremos as estratégias enunciativas adotadas no conto “Conversa de bois”, de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: discursivização, textualização, manipulação afetiva, percepção, interação

1. Sintaxe discursiva e textual: o gerenciamento da percepção e a estruturação da interação patêmica

Todo enunciado, como se sabe, pressupõe uma enunciação responsável pelo “conjunto dos procedimentos capazes de instituir o discurso como um espaço e um tempo, povoado de sujeitos outros que não o enunciador” (Greimas; Courtés, 2008, p. 167). Nessa atividade produtiva estão contidos tanto o sujeito responsável pela atualização das virtualidades da língua, transformando-a em discurso, quanto o enunciário, levado em conta neste momento por ser ele quem, de fato, torna realizada a significação. Enquanto o primeiro se coloca como destinador-manipulador dos valores e de seus modos de inserção no discurso, o segundo ocupa a posição de destinatário, apreendendo e interpretando a intencionalidade discursiva configurada. É por isso que, ao construir o seu enunciado, a instância enunciante busca gerenciar o contato do destinatário com o texto, e os efeitos de sentido (passionais) daí (re)produzidos.

A interação afetiva estabelecida entre o enunciário e os atores do enunciado fica, dessa forma, subju-

gada à maneira de dizer assumida pelo enunciador, às estratégias discursivas e textuais que ele adota para a transmissão do conteúdo de seu enunciado, definindo um modo de apreender a significação do texto como um todo, de perceber o que se passa. Estamos falando aqui, dos procedimentos de discursivização e textualização adotados no momento da construção do enunciado, responsáveis pelo gerenciamento do envolvimento afetivo do enunciário no processo de leitura, de realização da significação atualizada pelo enunciador, como buscamos demonstrar na Figura 1

Os procedimentos de discursivização e textualização integram, pois, o domínio de atuação da intencionalidade discursiva, “que, mesmo não se identificando nem com o [conceito] de motivação nem com o de finalidade, os subsume” (Greimas; Courtés, 2008, p. 267). Passíveis de gerenciar a percepção e o envolvimento afetivo, por determinarem a maneira específica pela qual o enunciário toma conhecimento do que é dito, as estratégias discursivas e textuais respondem não só pela manifestação da estruturação semântico-sintática do texto a partir de determinada linguagem, mas também pela predicação tensiva que o sensibiliza, pelas modulações de intensidade e extensidade que atuam diretamente na configuração da interação afetiva do enunciário com o conteúdo do enunciado.

* Doutoranda / Universidade de São Paulo USP. Endereço para correspondência: (li.soli@ig.com.br).

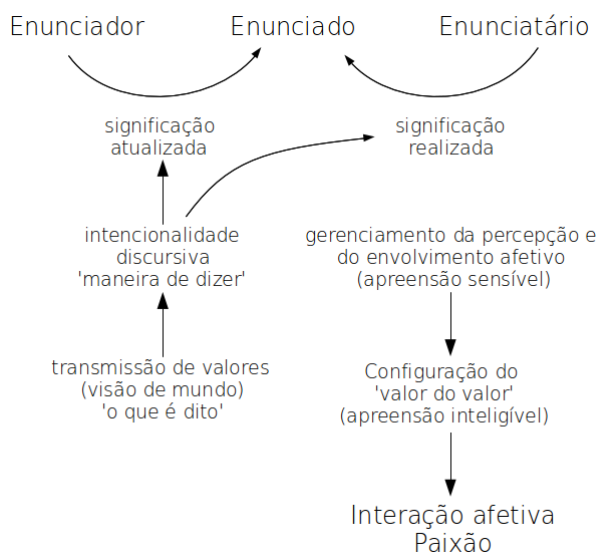


Figura 1: O contato com o texto e a configuração da significação

Enquanto a discursivização encarrega-se dos componentes de projeção do enunciado (pessoa, tempo, espaço) e das configurações discursivas¹ (figuras e temas), a textualização, por sua vez, representa a ancoragem do conteúdo articulado a um plano de expressão, mobilizando os recursos próprios à linguagem de manifestação escolhida, para, muitas vezes, não apenas propagar o conteúdo, mas também o intensificar. Ambos os procedimentos, orientando a apreensão do sentido e dos valores em jogo, estão intimamente relacionados à realização da predicação tensiva que faz do enunciado um campo de presença.

Nesse sentido, examinaremos o texto literário enquanto disposição perceptiva, domínio espaço-temporal que se constitui na coexistência do sujeito e do objeto-valor, configurando uma densidade de presença e, conseqüentemente, um determinado modo de interação. O enunciatário, enquanto leitor, ocupará o papel de sujeito perceptivo e o ator do enunciado, sob o qual, de uma maneira ou outra, recai o núcleo passional do discurso, o de objeto-valor percebido.

Com base nessa perspectiva, buscaremos, então, analisar as particularidades das condições de acesso do valor no campo perceptivo do sujeito-leitor, passíveis de ser depreendidas a partir da predicação tensiva adotada pelo enunciador no momento da enunciação. Próprias à colocação em discurso, essas peculiaridades enunciativas respondem pela tensão que liga o sujeito-leitor aos seres do enunciado, ao objeto-valor figurativizado, particularizando a interação afetiva suscitada. A ideia é, portanto, lançar luz sobre a atividade perceptiva não do enunciador, como feito em muitos

trabalhos de análise literária, mas a do enunciatário, no momento da leitura.

O enunciatário não é um ser passivo, apenas recebendo e acatando as informações produzidas pelo enunciador, mas é, sobretudo, um interpretante, o *páthos* do discurso, construindo, avaliando, compartilhando ou rejeitando os valores, os sentidos que lhe são impostos. Ocupando, pois, a posição de co-enunciador, por sua influência direta sobre as escolhas, seleções e organizações operadas pela instância enunciante, a participação ativa do enunciatário no processo de significação também pode ser examinada discursiva e textualmente, ajudando a compreender de maneira mais ampla as especificidades de configuração da intersubjetividade que faz surgir os afetos durante a leitura, a interação patêmica dele com o texto enunciado.

Desse modo, interessa depreender as estratégias enunciativas adotadas na produção de um enunciado, por serem elas as responsáveis pela instauração do campo de presença, do território tensivo no qual se realiza a relação perceptiva entre o sujeito e o objeto, ou, mais propriamente, entre o sujeito(-enunciatário) e o valor investido no objeto(-discurso). Importa identificar e analisar quais valores estão em jogo, como o enunciador os “apresenta” ao enunciatário e a partir de que condições (tensivas) se consolida a interação do enunciatário com os atores do enunciado, com os valores em jogo.

Para melhor compreendermos como isso funciona, passaremos agora à análise dos procedimentos de discursivização e textualização da narrativa “Conversa de bois”, de Guimarães Rosa.

¹Aqui entendidas como “espécies de micronarrativas que têm uma organização sintático-semântica autônoma e são suscetíveis de se integrarem em unidades discursivas mais amplas, adquirindo então significações funcionais correspondentes ao dispositivo de conjunto” (Greimas; Courtés, 2008, p. 87).

2. Entre enunciação e enunciado: as estratégias de configuração do efeito passional em “Conversa de bois”

O conto rosiano em questão conta a trajetória de um carro de bois guiado pelo menino Tiãozinho, “um pedaço de gente, com a vara comprida no ombro, com o chapéu de palha furado, as calças arregaçadas, e a camisa grossa de riscado, aberta no peito e excedendo atrás em fraldas esvoaçantes” (Rosa, 2001, p. 327), que vinha triste, trazendo junto ao carregamento de rapaduras o corpo de seu pai, falecido naquela manhã, para ser enterrado no cemitério do arraial.

Durante a viagem, o enunciatário vai tomando conhecimento dos fatos, do padecimento e das angústias do menino através de seus pensamentos, suas lembranças, enquanto os bois vão conversando e contando causos, e o carreiro Agenor Soronho, “homenzão ruivo, de mãos sardentas, muito mal-encarado” (idem, p. 328), insensível ao sofrimento de Tiãozinho, segue o tempo todo ralhando com ele. São, no entanto, as passagens em que figuram a interioridade do garoto as de maior interesse para nossa análise, por ser principalmente elas as responsáveis pela interação afetiva entre o enunciatário e o pequeno guia.

Começaremos a investigação examinando, primeiramente, a *sintaxe* discursiva da narrativa, que diz respeito à projeção de pessoa, tempo e espaço, alicerce dos enunciados de um modo geral.

Em “Conversa de bois”, essa organização sintática constitui-se sobre uma complexa estrutura de encaixes, com, pelo menos, três histórias circunscritas: a *inicial*, retratando o diálogo entre Manuel Timborna e o narrador não nomeado, sobre a capacidade dos bois de conversarem entre si e com os homens; a *principal*, figurando como o caso contado por Timborna, no qual é narrada a trajetória do carro de bois do carreiro Agenor Soronho, guiado por Tiãozinho, até o cemitério do arraial; e a *subordinada*, passível de ser (re)constituída a partir dos pensamentos e lembranças do menino guia. Assim, a primeira emoldura a segunda, que, por sua vez, engloba a terceira.

O início do conto, instaurando o *eu-aqui-agora* da enunciação, presentifica o diálogo entre o narrador e Timborna e projeta o caso narrado, do qual o sofrimento vivido por Tiãozinho é parte, em um *ele-lá-então*, que vai tomando forma aos olhos do enunciatário, mantido, pela escolha do ponto de vista² externo, no espaço da enunciação enunciada, isto é, “do lado de fora” da história do pequeno guia:

Que já houve um tempo em que eles conver-

savam, entre si e com os homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas. Mas, *hoje-em-dia, agora, agorinha mesmo, aqui, aí, ali*, e em toda parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, *por você, por mim*, por todo o mundo, por qualquer um filho de Deus?! — Falam, sim senhor, falam!... — *afirma* o Manuel Timborna, das Porteirinhas, [...] — Pode que seja, Timborna. Isso não é de hoje: ... “*Visa sub obscurum noctis pecudesque locutae. Infandum! ...*” Mas, e os bois? Os bois também?... — Ora, ora!... Esses é que são mais!... Boi fala o tempo todo. Eu até posso contar um caso acontecido que se deu. [...] E começou o caso, na encruzilhada da Ibiúva, logo após a cava do Mata-Quatro, onde, com a palhada de milho e o algodoal de pompons frouxos, se truca as derradeiras roças da Fazenda dos Caetanos e o mato de terra ruim começa dos dois lados; [...] Seriam bem dez horas, e, de repente, começou a chegar — *nhein... nheinhein... renheinhein...* — do caminho da esquerda, a cantiga de um carro-de-bois. [...] Mal se amoitara, porém, e via surgir, na curva de trás da restinga, o menino guia, o Tiãozinho — um pedaço de gente, com a comprida vara no ombro, com o chapéu de palha furado, as calças arregaçadas, e a camisa grossa de riscado, aberta no peito e excedendo atrás em fraldas esvoaçantes. Vinha triste, mas batia ligeiro as alpercatinhas, porque, a dois palmos da sua cabeça, avançavam os belfos babosos dos bois da guia [...] (Rosa, 2001, p. 325-327, grifo nosso)

Uma vez iniciado o caso contado por Manuel Timborna, dilui-se a conversa dele com o narrador e a narrativa *principal* passa a ocupar o centro da atenção do enunciatário, que, também na posição de observador externo, (re)compõe o enunciado na medida em que este vai debreando-se e dando a ver o seu cenário e seus atores. Embora conduzida por uma instância enunciante onisciente, o ponto de vista predominantemente externo é mantido. Isso importa porque é uma das primeiras estratégias discursivas que define a maneira pela qual o enunciatário escolhe organizar e orientar o conteúdo de seu discurso, a sua transmissão ao enunciatário.

Nessa extensa descrição inicial, a aparição de Tiãozinho, designado “triste” sem maiores detalhes e explicações, antes mesmo de o enredo se delinear claramente, provoca uma tensão entre o saber absoluto do narrador e aquele oferecido ao leitor: por que triste? O que teria

² O termo está sendo utilizado neste artigo tal como concebe a teoria literária ao falar em *focalização*, ou seja, como foco de narração, ponto de vista pelo qual se dá a representação da informação diegética segundo o alcance de determinado campo de consciência (Reis; Lopes, 2007).

acontecido? Firma-se, assim, um primeiro vínculo entre a personagem e o enunciatário, agora ansioso por mais informações enquanto os outros atores do enunciado continuam a ser detalhadamente apresentados. A relação entre eles, todavia, fundamentada em um *não-saber* o porquê da tristeza, é, pois, principalmente de ordem cognitiva. E o narrador insiste:

Como aquele trecho da estrada fosse largo e nivelado, todos iam descuidosos, em sóbria satisfação: Agenor Soronho chupando o cigarro de palha; o carro com petulância, arengando; a poeira dançando no ar, entre as patas dos bois, entre as rochas do carro e em volta da altura e da feiúra do Soronho; e os oitos bovinos, sempre abanando as caudas para a mosquitada, cabeceantes, remoendo e tresmoendo o capim comido de-manhã. Só *Tiãozinho era quem ia triste*. Puxando a vanguarda, fungando o fio duplo que lhe escorria das narinas, e dando a direção e tentando os bois. (Idem, p. 329, grifo nosso)

Mais uma vez é anunciada a tristeza do menino guia sem qualquer elucidação. O enunciatário, já ligado a ele, e a partir daí à própria história, segue em busca de um esclarecimento, que só virá após algumas cenas (p. 332), quando a viagem tem sua primeira interrupção:

Acolá, longe adiante, onde as árvores dos dois lados se encontram e o caminho se fecha aos olhos da gente, apontaram de repente uns cavaleiros. *Vêm* chegando. Para que eles possam passar, mesmo tendo de contornar o barranco, *Tiãozinho detém* os bois. — Boas tardes, seu Agenor! *Que é que vão carregando?* — Um rapadurinhas pretas, mais um defunto... É o pai do meu guia, que morreu p'r'amanhecer hoje... — Virgem Santa, seu Agenor! Imagina, só, que coisa triste... — Os homens se descobrem. — E de que foi mesmo que o pobre morreu, seu Agenor, ele que era tão amigo do senhor...? — A gente não sabe... Da doença antiga lá dele... O coitado andava penando. — *Pobrezinho do menino!*... — exclama a moça do silhão. E, a tais palavras, *Tiãozinho*, que já estava meio quase consolado, *recebe* inteira, de volta, sua grande tristeza outra vez. (Idem, p. 332, grifo nosso)

Nessa cena, quando o leitor, enfim, vai poder compreender o motivo da tristeza do garoto, a história se presentifica — como demonstram os verbos indicadores das ações ocorridas no presente do indicativo —, substituindo o *lá-então*, pelo *aqui-agora* e colocando o enunciatário “dentro do enunciado”, como testemunha ocular do narrado, como se figurasse entre os

cavaleiros que também acabam de saber do acontecido. Todavia, embora a profundidade do campo de (co-)presença tenha diminuído, aproximando sujeito e objeto, os valores colocados em cena, e com eles o acento de sentido no motivo da tristeza de *Tiãozinho*, provêm, no nível discursivo, não de uma percepção direta da intensidade do sofrimento do garoto, de um comportamento observável — uma vez que o narrador ressalta: “(...) *Tiãozinho*, que *já estava meio quase consolado* (...)” —, mas da notícia do falecimento do pai, a partir da qual o sofrimento do garoto surge para o leitor como implicação, resultando em uma sensibilização de ordem mais cognitiva, advinda de uma interpretação. Desse modo, a interação afetiva, o compadecimento do leitor em relação à perda da personagem, tal como o daqueles homens, provêm de uma moralização, de um “imaginar a dor” do pobre menino a partir do sucedido — a morte do pai.

A história continua e uma nova tensão entre os saberes do narrador e do enunciatário é instaurada, apontando explicitamente para a escolha de uma estratégia de manipulação cognitiva por parte do enunciatário, caracterizada pela distribuição das informações, e, conseqüentemente, dos valores, na extensão do enunciado:

Agora, o carreiro, sim, que é homem maligno. O dia, para ele, amanheceu feliz. Mas, mesmo assim por assim, só porque está suando, não deixa de implicar: — Tu *Tião*, diabo! Tu apertou demais o cocão!... Não vê que a gente carregando defunto-morto, com essa cantoria, até Deus castiga, siô?!... Não vê que é teu pai, demoninho?!... Fasta! Fasta, Canindé!... Ôa!... Ô-ôa!... Anda, fica novo, bocó-sem-sorte, cara de pari sem peixe! Vai botar azeite no chumaço, que senão agorinha mesmo pega fogo no eixo, pega fogo em tudo, com o diabo p'r'ajudar!... *Tiãozinho* veio no grito, mas se mexendo encolhido, com medo de que o homem desse nele com a vara-de-ferrão. (Idem, p. 336, 337)

Uma série de contrastes é colocada e, mais uma vez, sem explicações: por que, apesar da morte do “amigo” naquela manhã, o dia teria amanhecido feliz para o carreiro? Por que, mesmo ciente do sofrimento de *Tiãozinho*, ele age de forma tão rude e cruel? Essa instigação cognitiva do enunciatário afeta a configuração da sua interação sensível com a personagem, levando-o a dar maior atenção aos fatos apresentados na extensão do relato, sempre em busca de maiores informações, esclarecimentos, do que ao impacto deles sobre o menino. Embora se revolte contra a atitude cruel do carreiro com o menino já triste pela perda do pai, a interação sensível entre enunciatário-leitor e ator do enunciado perde no que diz respeito ao impacto

da tonicidade, porque as modulações de intensidade se distribuem na extensidade da apresentação dos fatos. Como explica Fontanille (2002, p. 616, tradução nossa)³:

Essas variações graduais de intensidade e de extensidade exprimem, em termos semânticos, propriedades elementares da percepção, então, resumindo, nós podemos dizer que a racionalidade passional consiste em conjugar gradientes perceptivos, gradientes da presença perceptiva em discurso.

Há, sem dúvida, uma intersubjetividade que fundamenta o pesar do enunciário, mas ela continua a ser resultado de uma postura moralizante mais do que sensível. Embora a história continue a ser contada no presente, conservando a simetria entre o espaço-tempo do enunciado e da enunciação e a convocação do enunciário como testemunha ocular, o desequilíbrio entre os saberes dele e do enunciador, sustentado pelo ponto de vista de pendor acentuadamente descritivo e limitado à representação das características superficiais e materialmente observáveis (Reis; Lopes, 2007), enfraquece sua participação direta, sensível, mantendo-o também como observador exterior, distanciado. Mesmo quando a subjetividade de Tiãozinho, através de seus pensamentos e lembranças, emerge, chegando a ocupar o primeiro plano na narrativa e expondo os conflitos que representam o seu sofrimento a partir de um discurso indireto livre fundado em um ponto de vista interno próximo ao monólogo interior, mesmo assim, o envolvimento afetivo do leitor parece permanecer inteligível sobretudo; ainda mais porque essas reflexões apresentam os dados que permitem (re)construir os acontecimentos anteriores, esclarecendo as coisas:

Chora-não-chora, Tiãozinho retoma o seu posto. “O pai não é meu, não... O pai é seu mesmo...” Decerto. Ele bem que sabe, não precisa de dizer. É seu pai quem está ali, morto, jogado para cima das rapaduras... Deixou de sofrer... Cego e entevado, já de anos, no jirau... Tiãozinho nem se lembrava dele de outro jeito, nem enxergando nem andando... Às vezes ele chorava, de-noite, quando pensava que ninguém não estava escutando. Mas Tiãozinho, que dormia ali no chão, no mesmo cômodo da cafua, ouvia, e ficava querendo pegar no sono, depressa, para não escutar mais... Muitas vezes chegava a tapar os ouvidos, com as mãos. Malfeito! Devia de ter, nessas horas, puxado conversa

com o pai, para consolar... Mas aquilo era penoso... Fazia medo, tristeza e vergonha, uma vergonha que ele não sabia bem por quê, mas que dava vontade na gente de querer pensar em outras coisas... E que impunha, até, ter raiva da mãe... — *Ôa!... Ôa, boi teimoso... Buscapé, demônio!* Ah, da mãe não gostava!... Era nova e bonita, mas antes não fosse... Mãe da gente devia de ser velha, rezando e sendo séria, de outro jeito... Que não tivesse mexida com outro homem nenhum... Como é que ele ia poder gostar direito da mãe?... Ela deixava até que o Agenor carreiro mandasse nele, xingasse, tomasse conta, batesse... Mandava que ele obedecesse ao Soronho, porque o homem era quem estava sustentando a família toda. Mas o carreiro não gostava de Tiãozinho... E era melhor, mesmo, porque ele também tinha ojeriza daquele capeta!... *Ruço!... Entrão!... Malvado!...* O demônio devia de ser assim, sem tirar e nem pôr... Vivia dentro da cafua... Só não embocava era no quartinho escuro, onde o pai ficava gemendo; mas não gemia enquanto o Soronho estava lá, sempre perto da mãe, cochichando os dois, fazendo dengos... *Que ódio!...* O caminho, descurvo, vai liso para a frente. E, lá léguas, meão roxo, é o Morro Selado, onde mora um sujeito maluco, que tem ouro enterrado no chão. Pobre do pai!... [...] (Rosa, 2001, p. 338, 339, grifo nosso)

O ponto de vista externo do narrador dá lugar a uma focalização interna que põe em cena a perspectiva de Tiãozinho, apresentando o sucedido a partir de uma reflexão interiorizada. A subjetividade indiciada provém, desse modo, do presente da enunciação enunciada, manifestada na embreagem enunciativa de segundo grau (enuncia-se um *ele* no qual está contido um *eu*), e não do momento do acontecido, assinalando um rememorar que distribui a intensidade ao longo da exposição das situações recordadas, revividas. Essa distinção entre o “*aquí-agora* da lembrança” e o “*lá-então* do lembrado” é enfatizada no texto pela interposição das breves retomadas do momento da trajetória até o arcaial, as quais intercalam os pensamentos do pequeno guia.

O entendimento do enunciário em relação à história trazida à tona pelas lembranças do menino é, portanto, mediado pela subjetividade de Tiãozinho e solicita abstração, na qual prevalece a (re)constituição e compreensão dos fatos anteriores ao momento da viagem, intimamente relacionados à passionalidade do garoto. A própria relação dele com as suas recordações

³ Trecho original: “Ces variations graduelles d'intensité et d'étendue expriment, en termes sémantiques, des propriétés élémentaires de la perception, nous pouvons donc dire, en bref, que la rationalité passionnelle consiste à conjuguier des gradients perceptifs, des gradients de la présence perceptive en discours.”

é moralizante; ele não revive os fatos através de sua sensorialidade, ele os interpreta, julga, sanciona. As paixões que elas suscitam nele — o rancor, o ressentimento, o desgosto, a tristeza — são resultado de uma postura avaliadora diante do decorrido. Discretizam-se o eu do passado rememorado e o eu enunciante da lembrança.

O leitor precisa, então, entender o que e como as coisas ocorreram para melhor apreender o estado de alma do pequeno guia, e, dessa forma, dada a inerência da apresentação, a atividade cognitiva, ligada à quantidade de informações (eixo da extensidade), prepondera sobre a experiência sensível, própria às qualidades passíveis de ser apreendidas (eixo da intensidade). Tendo acesso só então ao ocorrido, o enunciatário busca primeiro compreender o que houve, sancionando, para poder interagir com a subjetividade posta em cena. O acento de sentido recai, desse modo, mais sobre os fatos, a partir dos quais o enunciatário *imagina* o sofrimento do menino, do que sobre os sentimentos que o representam, configurando uma assimetria de lugares típica de um “sentir por”.

Dessa “terceira narrativa”, a *subordinada*, o enunciatário apenas toma conhecimento por intermédio das ruminações de Tiãozinho, não a presenciando de fato. Ela é mediada, e a emergência da intersubjetividade, do compadecimento do enunciatário se prende e se submete, pois, a um *crer aderido*, próprio à assimilação cognitiva do que é contado.

Um segundo ponto a ser examinado diz respeito à *semântica* discursiva, na qual se inscrevem os temas e as figuras, porque é a partir dela que os valores veiculados se caracterizam e são apresentados à sensibilidade do leitor, adentrando o seu campo perceptivo. Esse é o momento, portanto, de atentar mais claramente às condições de acesso dos valores, a sua densidade de presença, à força do objeto percebido sobre o sujeito e, por conseguinte, à configuração dos efeitos de sentido passionais suscitados.

Os temas e as figuras são, por excelência, como cita Barros (2001), o lugar do ideológico no discurso. A escolha delas não é ingênua e o sentido veiculado carrega em si uma carga semântica e ideológica muito maior, que se potencializa não exatamente no que é contado, mas na forma de contar, de representar, figurativa e tematicamente, o conteúdo narrado. Interessa, nesse sentido, analisar, mais do que as figuras e os temas em si, a organização e disposição desses elementos no texto, sua predicação tensiva, a maneira como eles manifestam os valores e mobilizam a percepção do enunciatário.

Em “Conversa de bois” a apreensão e interpretabilidade reclamadas pelas isotopias figurativas e temáticas são responsáveis não só pelo efeito de realidade, mas também de sensibilização, abstração e moralização. Os efeitos passionais suscitados estão, pois, como vi-

mos, mais relacionados à disposição e distribuição dos conteúdos na extensidade discursiva, do que às figuras e/ou temas em si. Isso se deve à articulação das modulações tensivas regidas pela perspectiva de apresentação eleita, aliando o figural — próprio aos graus de influência do objeto visado sobre o sujeito-leitor, o enunciatário — ao figurativo.

A perspectiva, como esclarecem Greimas e Courtés (2008), consiste no privilégio dado pelo enunciador, em relação à instância receptora do enunciatário, ao programa narrativo de um actante em detrimento do de um outro, apenas fragmentariamente manifestado. Dessa forma, ela diz respeito à concentração ou à difusão dos acentos de sentido que figuram nos textos, agindo como filtro quantitativo e qualitativo da representação narrativa, da caracterização tensiva dos valores.

Nos momentos de lembrança de Tiãozinho, a perspectiva adotada é ampla, aberta, e disponibiliza uma apreensão mais global do evento narrado, uma significação em devir, orientada sobretudo pelas valências da extensidade — espacialidade e temporalidade — que, distribuindo as qualidades sensíveis regidas pelas valências de intensidade — tonicidade e andamento — enfraquecem o impacto delas sobre a sensibilidade do leitor. Vejamos a passagem a seguir:

Arre! Que nunca foi tão penosa uma ida ao arraial. Também, com tudo tão triste, carregando o pai para a cova, coitado do pai... Mas, deve de ter subido para o Céu, direito, na mesma da hora... Na véspera de morrer, de-noite, ele ainda pedira para Tiãozinho tirar reza junto... E Tiãozinho puxara o terço, cochilando... Estava com muito sono, porque tinha ido, a pé, ao Marçal Velho, levar um recado... Depois da salve-rainha, o pai pôs nele a benção, e ele deitou no enxergão, para dormir logo, esquentando os molambos... Também não adiantou nada estar dormindo no mesmo canto; só deu fé daquela tristeza toda foi quando viu a mãe, chorando, sacudindo-o para levantar. Aí, Tiãozinho tinha chorado também... Mas a mãe, por que é que ela havia de chorar?! por quê? Ela não gostava do pai... Tiãozinho pouco pudera ver, pelos buracos da parede de pau-a-pique, quando eles estavam lavando o corpo... A cafua se enchera, não cabendo, de gente... E seu Agenor Soronho estava muito galante com todos. Estava mesmo alegre, torcendo as pontas do bigode vermelho, mas fazendo de estar triste, às vezes, de repente... E até, quando Tiãozinho, zozinho de tanta confusão, se sentara na pedra que faz degrau na porta da cozinha, o carreiro tinha vindo consolar sua tristeza, dizendo que daí em diante ia tomar conta

dele de verdade, ia ser que nem seu pai... Os vizinhos bem que estavam às ordens, para carregar cristão defunto. Mas eram seis léguas apuradas, e, como seu Agenor estava mesmo para levar uma carga de rapadura do Major Fréxes, dispensou os préstimos para o cortejo, e atrelou quatro juntas, porque na volta ia trazer o carro cheio, com os rolos de arame farpado que estavam esperando por ele, na estação do arraial... Não havia caixa: só o esquife tosco, entre padiola e escada, com as barras atadas com embira e cipó. Ajeitaram o morto em cima do ladrilhado das rapaduras. Tiãozinho, já pronto, esperava no seu lugar com muita pressa de sair porque aquilo tudo estava sendo ruim demais... (Rosa, 2001, p. 344, 345)

A figuratividade apresentada, e dirigida por um dispositivo figural profundo, concretiza a percepção de Tiãozinho sobre o sucedido, trazendo à tona o que a sua lembrança privilegiou daquele momento e (re)construindo a cena para o enunciatário. O sofrimento do garoto é depreensível, desse modo, ou melhor, é inferido, da totalidade manifestante, com as modulações de intensidade distribuídas a cada observação rememorada, a cada figura apresentada. O leitor, a partir delas, vai unindo os fatos, recompondo o ocorrido e concluindo, imaginando, o penar do pequeno guia.

Assim, a figurativização na passagem examinada de “Conversa de bois”, (re)constituindo o “já decorrido”, aparece em um contexto emocional moralizante, em um discurso do *exercício*, diria Zilberberg (2007), destacando, pela distribuição da carga tímica na extensão da apreensão, o valor de *fato*, de *estado*⁴, às ações narradas, rememoradas. Como explica o autor (2007, p. 16): “o fato é resultado do enfraquecimento das valências paroxísticas de andamento e tonicidade que são as marcas do acontecimento”.

O acesso aos valores por parte do leitor fica, como se pode ver, mediatizado pelo modo próprio de composição da figurativização e tematização, que, dirigindo a percepção, e a partir dela a assimilação do conteúdo, resulta em graus de afetividade, de interação. Como esclarecem Fontanille e Zilberberg (2001, p. 313), “o timismo difuso investido na figuratividade, e notadamente nas suas qualidades sensíveis, faz seu trabalho”.

Na história de Tiãozinho, a perspectiva adotada distribui, pois, a intensidade ao longo da exposição da extensidade difusa, enfraquecendo a tensão entre os valores em jogo e, conseqüentemente, o impacto dela sobre o leitor, sobre o estabelecimento da interação. Há como uma operação de *mistura* e totalização axiológicas, própria aos *valores de universo*, que promovem

um compadecimento mais átono e inteligível, inferido do conjunto figurativo e temático global do ocorrido.

No que diz respeito à textualização, também as especificidades da manifestação textual, da passagem do plano do conteúdo ao plano da expressão, são exploradas de modo a criar uma analogia íntima entre a linguagem e a construção da interioridade das personagens, permitindo maior cumplicidade entre sujeitos do enunciado, as personagens, e sujeito da enunciação, o enunciatário.

As potencialidades latentes dentro do sistema da língua portuguesa, na prosa poética rosiana, ocupam, sem dúvida, papel de destaque dentro do discurso, com os recursos de pontuação, a organização sintática das frases, as orações condensadas e as construções elípticas, bem como os neologismos, rimas e aliterações, ajudando a enfatizar o sentido e possibilitando ao enunciatário assimilar mais claramente, quando não, partilhar mesmo as tensões e emoções pelas quais passa a personagem. Atentemos à passagem a seguir para melhor compreender como isso acontece:

Enlameado até à cintura, Tiãozinho cresce de ódio. Se pudesse matar o carreiro... Deixa eu crescer!... Deixa eu ficar grande!... Hei de dar conta deste danisco... Se uma cobra picasse seu Soronho... Tem tanta cascavel nos pastos... Tanta urutu, perto de casa... Se uma onça comesse o carreiro, de noite... Um onção grande, da pintada... Que raiva!... (Rosa, 2001, p. 348)

Não só os recursos de pontuação, mas também as pausas, a distribuição do conteúdo nas orações, conferem uma certa cadência, um certo ritmo que se associa à informação veiculada e combina com ela, pondo em evidência a carga emocional estabelecida. No trecho apresentado, as frases curtas e pontuais, ao lado do uso de reticências para marcar as pausas, ultrapassam a simples manifestação do conteúdo, para assinalar e exprimir o estado de alma da personagem, a cólera e a revolta que caracterizam sua reflexão interiorizada. Como explica Coutinho (1994, p. 216):

A pontuação de Guimarães Rosa, tópico fundamental no que diz respeito ao seu estilo, é muito mais estética do que propriamente ortográfica. Embora não chegue a desprezar completamente as regras gramaticais da língua portuguesa, não hesita em violar tais preceitos sempre que se tornam um empecilho para a expressão da emotividade.

Os recursos linguísticos, nesse conto, são, portanto, explorados pelo enunciatário de forma que, para além de sua função gramatical, eles ressaltem a intensidade da

⁴ Em obras posteriores, Zilberberg (2011) tem usado o termo *estado* como contraponto ao de *acontecimento*.

tensão interior vivida por Tiãozinho naquele momento. De qualquer modo, assim como acontece no plano do conteúdo, a afetividade do garoto, recriada no plano da expressão, não se concentra em uma única oração, ou na pontuação correspondente a ela, e sim no conjunto do período todo, na reiteração das frases curtas e no excesso de pontos de exclamação e de reticências que chegam a acentuar visualmente, para o leitor, a passionalidade do conteúdo ali expresso. Assim, intensidade e extensidade caminham juntas, numa relação conversa, sensibilizando o leitor na medida em que ele vai compreendendo os fatos, vai tomando conhecimento do estado de alma de Tiãozinho.

Recriado na expressão, a afetividade do garoto convida o enunciatário a um entendimento patemizado em relação ao efeito que o ocorrido tem sobre ele, de modo que, se o enunciador trabalha no plano de conteúdo uma estratégia de manipulação cognitiva do enunciatário, ele usa o plano da expressão para sensibilizá-lo, garantindo o envolvimento afetivo da interação. A escrita rosiana opera, dessa forma, sobre o modo da subjetividade, da intensidade dos seres e das situações que configuram seu discurso, pondo em cena a interioridade do protagonista, a sua reflexão e o seu posicionamento sobre os acontecimentos e a realidade circundante, os quais acabam por criar a representação de um mundo próprio que sensibiliza o leitor e garante a cumplicidade, o vínculo afetivo entre ele e os atores do enunciado.

3. Notas finais

A análise mostrou que a interação patêmica entre o enunciatário e os atores do enunciado está, de fato, intimamente relacionada à composição do texto como um todo, à maneira como as modulações tensivas se distribuem ou se concentram nos textos através da figuratividade e da tematização. Dirigir as estratégias de apresentação do conteúdo narrado, dos seres, do espaço e do tempo que o tornam “vivo”, através dos procedimentos de discursivização e textualização, é, portanto, influir diretamente nas condições do envolvimento afetivo do enunciatário no processo de leitura.

Em “Conversa de bois”, como vimos, o enunciador optou por procedimentos discursivos e textuais que mantém um equilíbrio entre a intensidade e a extensi-

dade das tensões próprias à colocação, à coexistência de valores no discurso. Desse modo, da interação entre enunciatário-leitor e atores do enunciado emerge um laço afetivo balanceado entre a inteligibilidade e a sensibilidade convocadas, uma controlando a outra, uma atuando sobre a outra. Incitado pelos conteúdos encobertos do início do conto, o leitor, já sutilmente tocado pela figura do pequeno Tiãozinho — “um pedaço de gente, com a vara comprida no ombro, com o chapéu de palha furado, as calças arregaçadas, e a camisa grossa de riscado, aberta no peito e excedendo atrás em fraldas esvoaçantes” (Rosa, 2001, p. 327) —, que vinha triste, segue em busca da compreensão do ocorrido, juntando os fatos, as informações contadas ali e aqui, com a atenção, por isso mesmo, mais voltada aos acontecimentos narrados do que à figura do menino em si. ●

Referências

- Barros, Diana Luz Pessoa de
2001. *Teoria do discurso. Fundamentos semióticos*. São Paulo, Humanitas.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude
2001. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo, Humanitas.
- Fontanille, Jacques
2002. *Sémiotique des passions, Sémiotique des passions*, p. 601-637. Paris, PUF.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2008. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias et al. São Paulo, Contexto.
- Reis, Carlos Alves; Lopes, Ana Cristina
2007. *Dicionário de narratologia*. Coimbra, Almedina.
- Rosa, Guimarães
2001. *Sagarana, Conversa de bois*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Zilberberg, Claude
2007. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, nº 13, São Paulo, p. 13-28.

Dados para indexação em língua estrangeira

Lima, Eliane Soares de

Lecture et interaction affective: procédures discursives et textuelles dans 'Conversa de bois'

Estudos Semióticos, vol. 9, n. 2 (2013)

ISSN 1980-4016

Résumé: *Nous proposons ici d'envisager le texte littéraire comme un champ de présence, lieu d'émergence de l'interaction affective du sujet-énonciataire-lecteur avec ces sujets de l'énoncé que sont les personnages. Dans cette perspective, le présent article entend montrer que les effets de sens pathémiques suscités chez le lecteur lors de la lecture se laissent analyser à l'aide des outils sémiotiques. On met l'accent, notamment, sur les procédures de la mise en discours et de la textualisation en tant que moyens de manipulation de l'accès de l'énonciataire aux valeurs portées par le texte; celles-ci autorisent non seulement la saisie de la structure sémantico-syntaxique du texte d'après tel ou tel langage mais en même temps celle des modulations tensives sensibilisant le contenu transmis, lesquelles, pour leur part, "pathémisent" d'une façon spécifique la lecture de l'énonciataire, autrement dit l'interaction établie face aux acteurs de l'énoncé. Ces propos sont localement mis à l'épreuve, enfin, par l'examen des stratégies énonciatives à l'œuvre dans un conte de l'écrivain brésilien João Guimarães Rosa, intitulé "Conversa de bois" [Conversation de bœufs].*

Mots-clés: *mise en discours,, textualisation,, manipulation affective, , perception, , interaction*

Como citar este artigo

Lima, Eliane Soares de. Leitura e interação afetiva: procedimentos de discursivização e textualização em "Conversa de bois", de Guimarães Rosa. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: { <http://revistas.usp.br/esse> }. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 54-61. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 30/Novembro/2012

Data de sua aprovação: 26/Março/2013
